

A recepção de Johan Nicolai Madvig na linguística alemã do século XIX

Everton Mitherhofer Bernardes.

RESUMO

Em 1875, o linguista e classicista dinamarquês Johan Nicolai Madvig (1804-1886) traduziu e publicou seus textos pela primeira vez em alemão. Por conta da barreira linguística, suas ideias não circulavam nas universidades alemãs, onde as principais pesquisas vinham sendo desenvolvidas. No entanto, ideias similares às suas, em especial as de William Dwight Whitney (1827-1894), ganhavam cada vez mais espaço na Universidade de Leipzig entre o grupo que ficaria conhecido como Jovens Gramáticos ou Neogramáticos (*Junggrammatiker*). É precisamente nessa cidade que Madvig publica sua antologia. Este artigo tem como objetivo discutir como o livro *Kleine philologische Schriften* (1875), de Madvig, foi recepcionado na Alemanha, em especial tendo em vista as traduções dos livros de Whitney entre 1874-1876 e suas relações com linguistas alemães.

Palavras-chave: *historiografia da linguística; filosofia da linguística; Jovens Gramáticos.*

ABSTRACT

In 1875, the Danish linguist and classicist Johan Nicolai Madvig (1804-1886) translated and published his texts for the first time in German. Due to the language barrier, his ideas did not circulate in German universities, where the main research was being developed. However, similar ideas to his, especially those of William Dwight Whitney (1827-1894), were gaining more and more space at the University of Leipzig among the group that would become known as the Young Grammarians or Neogrammarians (*Junggrammatiker*). It is precisely in this city that Madvig publishes his anthology. This article aims to discuss how Madvig's book *Kleine philologische Schriften* (1875) was received in Germany, especially considering the translations of Whitney's books between 1874-1876 and his relationships with German linguists.

Keywords: *historiography of linguistics; philosophy of linguistics; Neogrammarians.*

Introdução

Na década de 1870, a Alemanha recém-unificada já havia se consolidado como o principal centro de estudos linguísticos na Europa. Ao longo do século XIX, as universidades alemãs¹ fomentaram a expansão das áreas de filologia clássica e moderna e de linguística comparativa², criando novos cargos para professores e incentivando o estudo desses campos como parte da *Bildung* dos alunos³. Os trabalhos de linguistas como

1 O sistema de ensino superior do Estado alemão herdou principalmente os valores das universidades prussianas. Como aponta Amsterdamska (1987, p. 64-65), as instituições fundadas no início do século XIX – sendo a Universidade de Berlim o modelo seguido pelas demais – foram idealizadas por filósofos como Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834), bem como o próprio Wilhelm von Humboldt (1767-1835), que se tornaria uma figura importante na história da linguística. Para uma reflexão sobre os impactos dos pensamentos desses autores nessas instituições, cf. Amsterdamska (1987), em especial o capítulo 3.

2 Cf. Amsterdamska (1987, p. 130, 131, 132 e 134) para dados relativos aos números de alunos, professores e revistas científicas nas áreas de filologia e linguística nas universidades alemãs ao longo do século XIX.

3 “[Wilhelm von] Humboldt acreditava que a tarefa da universidade era promover o cultivo [Bildung] integral e livre do indivíduo e de suas habilidades. Impulsionados nem por uma necessidade prática, nem por uma compulsão externa, um estudante deveria se dedicar ao aprendizado para desenvolver uma personalidade completa, rica e harmoniosa.

Franz Bopp (1791-1867) e August Schleicher (1821-1868) já haviam lançado as bases para o que se consolidaria como o método histórico-comparativo⁴, que seria a principal área dos estudos linguísticos no século, prolongando-se como tal até as primeiras décadas do século XX.

Nesse contexto, no ano de 1875, Johan Nicolai Madvig (1804-1886), um filólogo e linguista dinamarquês, decide publicar em Leipzig seus textos traduzidos para o alemão. Até então, sua obra era pouco conhecida fora da Dinamarca, em grande parte pela barreira linguística, uma vez que sua língua materna, na qual ele os havia escrito, estava distante de ser uma língua expressiva nas universidades europeias. Publicá-los em alemão seria uma forma de divulgá-los nos principais círculos de pesquisadores.

Este artigo, tendo como pano de fundo os modelos (meta)teóricos da historiografia linguística, da filosofia da linguística e da sociologia da linguística, tal como discutidas por Amsterdamska (1987), Koerner (1989a), Leroux (2007), Swiggers (2013) e Bernardes (2022), discorrerá sobre como e por que a coletânea de Madvig teve pouco impacto na linguística institucionalizada alemã do século XIX, ainda que ideias muito semelhantes às suas tenham sido adotadas pelo principal grupo de linguistas da década de 1880 em diante, os Jovens Gramáticos ou Neogramáticos (*Junggrammatiker*).

1. A publicação dos *Kleine philologischen Schriften* (1875)

Johan Nicolai Madvig (1804-1886)⁵ foi um filólogo clássico nascido em Bornholm, Dinamarca. Completou seu doutorado em 1828 na Universidade de Copenhague e se tornou professor extraordinário de língua e literatura latina no ano seguinte na mesma universidade. Posteriormente, em 1851, assumiu a cadeira de professor ordinário de filologia clássica, se aposentando somente em 1879, poucos anos antes de sua morte. Ao longo de sua vida, publicou diversos livros na área de filologia clássica, em especial sobre Cícero. Além de seu trabalho como classicista, Madvig também foi político, tendo

(...) Esse ideal de educação como cultivo encorajou o estudo de várias culturas, desde a antiguidade grega e latina tradicionalmente valorizadas até as áreas recém-surgidas da filologia oriental, germânica e românica. Entendida da maneira abrangente de August Böckh, a filologia era um interesse ideal para um neo-humanista que, por meio do estudo de literatura, língua, arte, religião, costumes, leis, etc., deveria se esforçar para adquirir uma compreensão sintética e empática da vida cultural de um *Volk* ou de uma comunidade. Encorajando o entendimento amplo e unificado de uma cultura, as disciplinas filológicas eram dedicadas aos mesmos objetivos que deveriam ser buscados individualmente por cada estudante universitário.” (Amsterdamska, 1987, p. 66-67, tradução minha. Todas as traduções doravante serão de minha autoria.)

4 Para um detalhamento do desenvolvimento e da consolidação da linguística histórico-comparativa como principal corrente da área, cf. Morpurgo Davies (1998), especialmente os capítulos 6 e 7.

5 Hauger (1990) nos apresenta uma breve, mas elucidativa biografia de Madvig, traçando paralelos relevantes entre o dinamarquês e outros linguistas do período, como Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Michel Bréal (1832-1915) e Ferdinand de Saussure (1857-1913).

desempenhado um papel importante nas reformas do sistema educacional dinamarquês. Foi Ministro da Educação e da Cultura do país entre 1848 e 1851, quando liderou uma reforma do ensino secundário. Em 1875, já no fim de sua vida, Madvig decide reunir alguns de seus textos originalmente em dinamarquês e publicá-los em alemão.

O Prefácio aos *Kleine philologische Schriften*⁶ [Pequenos escritos filológicos] nos permite ter uma excelente ideia do que o filólogo dinamarquês pretendia com essa publicação. Ao longo das cinco páginas, Madvig tece pequenos comentários não apenas sobre a sua obra, mas também sobre a sua própria visão de como os estudos linguísticos vinham se desenvolvendo e de como ele próprio acabara se isolando desse processo. O texto é aberto com uma autocrítica relativamente longa:

Um título como o que este livro carrega designa uma coleção de trabalhos previamente apresentados individualmente ao mesmo público, embora talvez em uma forma menos favorável de circulação. Não é este o caso aqui. Os artigos aqui reunidos, publicados em outra língua que abrange um público leitor muito limitado, foram editados como escritos acadêmicos ocasionais ou publicados em boletins de alguma sociedade acadêmica ou em revistas pouco difundidas, na maioria das vezes em uma época em que o clima na Alemanha não estava inclinado a prestar atenção e apreço ao que vinha daquela direção. Assim, enquanto o próprio autor não fazia nada na época para torná-los conhecidos fora de seu país, esses artigos ficaram tão desconhecidos para o público filólogo alemão e principalmente não escandinavo, de modo que podem ser considerados totalmente novos.⁷ (Madvig, 1875, p. III)

Como bem sintetiza Hauger (1990, p. 140) sobre a passagem acima, Madvig aponta quatro principais problemas para a falta de recepção de sua própria obra fora de seu país natal: (a) a língua em que seus textos foram publicados – o dinamarquês; (b) a dispersão dos textos em publicações

6 Doravante *KPS*.

7 “Ein Titel wie derjenige, den dieses Buch trägt, pflegt eine Sammlung von Arbeiten zu bezeichnen, die schon früher einzelweises demselben Publikum, ob auch vielleicht in einer der Verbreitung minder günstigen Form, vorgelegt worden sind. Dies verhält sich hier anders. Die hier gesammelten Abhandlungen, in einer andern Sprache, die nur einen eng begränzten Leserkreis umfasst, als akademische Gelegenheitschriften oder in den Mittheilungen einer gelehrten Gesellschaft oder in einer wenig verbreiteten Zeitschrift herausgegeben, dazu grösstentheils in einer Zeit, wo die Stimmung in Deutschland demjenigen, was von jener Seite kam, wenig Aufmerksamkeit und Gunst zuwendete, sind, indem der Verfasser selbst damals nicht das Geringste that, um ihnen für den Augenblick ausserhalb seines Vaterlandes Eingang zu öffnen, dem deutschen und überhaupt dem nicht skandinavischen philologischen Publikum so unbekannt geblieben, dass sie insofern als ganz neu gelten können.”

diferentes ao longo de anos, em vez de uma obra que os reunisse de forma sistematizada; (c) o clima⁸ intelectual na Alemanha não era propício para a proliferação de suas ideias⁹; (d) sua própria falta de ação para alterar esse quadro.

Ainda no Prefácio, Madvig (1875, p. III-IV) divide sua obra em duas seções: a primeira dedicada a textos que se debruçam sobre teoria da linguagem – ou, em suas palavras, filosofia da linguagem (*Sprachphilosophie*)¹⁰ – e a segunda aos estudos de filologia clássica. Vale ressaltar que suas principais contribuições eram, de fato, como filólogo, e não como teórico da linguística. Alguns de seus trabalhos de estudos clássicos já eram conhecidos na Alemanha, como sua gramática escolar de latim – que em 1867 estava em sua quarta edição em alemão (Madvig, 1867), tendo sido publicada também em inglês, francês, português, italiano e holandês – e um livro sobre a sintaxe do grego antigo (Madvig, 1847). Ainda assim, a seção atrelada às questões linguísticas constitui a maior parte dos *KPS*, além de ter sido estrategicamente colocada na primeira parte do livro. Isso não parece ser uma decisão ao acaso, pois Madvig estava motivado a publicar seus textos em alemão principalmente em decorrência do sucesso que William Dwight Whitney (1827-1894), um linguista estadunidense, vinha fazendo. Algumas das ideias defendidas por Whitney eram muito semelhantes às de Madvig e, com as vendas alavancadas das obras do estadunidense, Madvig passou a temer que suas próprias ideias não fossem vistas como originais. Desse modo, afirma no Prefácio, precisou antecipar seus planos de publicar uma obra mais completa e polida de suas ideias:

No entanto, tive que publicar esses artigos em sua forma original em alemão, para que, se em algum momento eu voltasse a esse assunto em outra forma de apresentação, eu não fosse suspeito de me apropriar do trabalho de outros. Depois que publiquei estes artigos (I-III) em dinamarquês, foram lançadas duas obras que não só apresentam visões sobre a natureza e evolução da linguagem que têm muitos pontos de contato ou mesmo concordam completamente com as minhas, mas que até constroem certas sentenças quase com as mesmas palavras. Por exemplo, no excelente trabalho do anglo-americano *Whitney*, intitulado *Lectures*

8 Uso este termo como tradução para o *Stimmung* utilizado por Madvig na passagem supracitada. Ainda que não possamos dizer com certeza que era essa a acepção do próprio autor, o conceito de “clima de opinião”, que parece se encaixar no sentido empregado por Madvig, é utilizado em alguns estudos historiográficos da linguística, como Koerner (1989a).

9 Madvig parece consciente, como veremos mais à frente ainda tratando do Prefácio, de que suas proposições teóricas encontrariam resistência entre comparativistas, uma vez que colocariam em foco a comunicação humana no lugar das análises comparativas de mudanças linguísticas.

10 A acepção de Madvig está mais próxima do que chamo de *teoria da linguagem* do que a disciplina conhecida atualmente como *filosofia da linguagem*. Madvig se refere a estudos dedicados à conceitualização e ao estabelecimento de uma teoria da linguagem capaz de prover ferramentas para os estudos linguísticos.

on Language, de 1867, a afirmação que fiz em 1842, aqui impressa com destaque na p. 59, sobre a relação entre o som e o significado é colocada no início do desenvolvimento de forma quase idêntica, e, além disso, muitas outras ideias são expressas de maneira tão semelhante que alguns dos meus ouvintes, quando leram o livro de Whitney, suspeitaram que ele conhecia meus três programas (Art. II e III), uma suspeita que, no entanto, parece completamente refutada pelo caráter independente da obra e pelas outras circunstâncias e relações.¹¹ (Madvig, 1875, p. IV-V)

Podemos presumir, a partir da citação acima, que Madvig ao menos tinha notícia de que o livro *Languages and the study of language* (1867) de Whitney havia sido publicado em alemão no ano anterior¹². Fora da Alemanha, o livro já fazia grande sucesso, estando em 1874 na sua quinta edição em inglês. Nesse momento, os Jovens Gramáticos ainda não eram uma potência nos estudos linguísticos como se tornariam a partir da década de 1880, ainda que seus principais expoentes – August Leskien (1840-1916) e seus alunos, especialmente Karl Brugmann (1849-1919) – já começassem a preparar seus primeiros textos de maior relevância¹³. Podemos pressupor que a razão principal para a escolha de Leipzig como local de publicação dos KPS tenha sido Georg Curtius (1820-1885). Naquele momento, Curtius era um grande defensor das ideias do recém-falecido August Schleicher, cuja teoria linguística¹⁴ era a mais influente entre os comparativistas. Além disso, ele também desfrutava de grande popularidade e prestígio na Universidade de Leipzig (Amsterdamska, 1987, p. 88-89), onde era professor, assim como Madvig, de filologia clássica¹⁵.

11 “Dann aber musste ich die Abhandlungen schon darum im Wesentlichen in ihrer ursprünglichen Gestalt deutsch herausgeben, damit ich mich nicht, wenn ich in anderer Form der Darstellung auf diesen Gegenstand zurückkäme, dem Verdachte aussetzte, als ob ich mir fremdes Eigenthum aneigne. Es sind nämlich später, als ich diese Abhandlungen (I-III) dänisch herausgab, zwei Werke herausgekommen, in denen nicht bloss Ansichten über das Wesen und die Entwicklung der Sprache vorgetragen, die vielfache Berührung mit den meinigen haben oder ganz mit ihnen übereinstimmen, sondern sogar einzelne Hauptsätze fast mit denselben Worten ausgesprochen sind. So ist in dem tüchtigen Werke des Anglo-Amerikaners Whitney aus 1867, Lectures on language, der von mir 1842 als Ausgangspunkt aufgestellte, hier S. 59 mit gesperrter Schrift gedruckte Satz über das Verhältniss des Lauts und der Bedeutung in fast identischer Fassung an die Spitze der Entwicklung gestellt und auch sonst vieles so ähnlich ausgedrückt, dass einige meiner Zuhörer, als sie Whitneys Buch kennen lernten, mir die bestimmte Bermuthung mittheilten, er habe Kenntniss von meinen drei Programmen (Abh. II u. III) gehabt, eine Vermuthung, welche der sonstige selbstständige Charakter des Werkes und die übrigen Verhältnisse und Umstände ganz zu widerlegen scheinen.”

12 WHITNEY, William Dwight. **Die Sprachwissenschaft**. W. D. Whitney's Vorlesungen über die Principien der vergleichenden Sprachforschung für das deutsche Publikum. Bearbeitet und erweitert von Dr. Julius Jolly. Munique: Theodor Ackermann, 1874.

13 Leskien (1876) e Brugmann (1876b e 1876c).

14 Para análises aprofundadas da teoria linguística de Schleicher, cf. Amsterdamska (1987), Koerner (1989b) e Morpurgo Davies (1998).

15 Amsterdamska (1987, p. 87-89) aponta que Curtius desempenhou um papel importante na aproximação entre a filologia clássica e a linguística comparativa.

Um receio de Madvig era o de que seu público alemão presumisse que ele não estivesse a par das pesquisas linguísticas mais recentes – isto é, das pesquisas histórico-comparativas mais recentes. Esse receio parece estar relacionado com uma das justificativas dadas pela falta de recepção de sua obra na Alemanha: a de que o clima intelectual no país não seria propício para que suas ideias fossem mais abertamente aceitas. Madvig propunha que o estudo histórico das línguas – englobando tanto a linguística comparativa quanto os estudos de etimologias – não poderia ser um fim em si mesmo, mas sim um dos recortes da disciplina da linguística¹⁶ (Madvig, 1875, p. 201). Ele não estava interessado em apresentar novos estudos a partir dessa metodologia, e deixa isso claro já no Prefácio, a fim de se esquivar de eventuais críticas que apontassem uma suposta não cientificidade em seu trabalho¹⁷:

Linguistas comparativos excessivamente zelosos e parciais, que me acusam por ter buscado corretamente delimitar e restringir a alta importância do estudo comparativo da língua, recusando promessas falsas e excessos, enquanto, ao mesmo tempo, observo que um conhecimento histórico excelente e uma comparação perspicaz nem sempre estão ligados à clareza sobre a natureza básica da linguagem (...), irão (...) apontar que não estou a par do auge da ciência atual, e que nem a conheço de fato; mesmo críticos que não sejam desfavoráveis e sim justos podem me apontar um ou outro erro de detalhe. Procurei aproveitar os resultados seguros e abrangentes da pesquisa comparativa (dentro de uma área adequada para o propósito) em combinação com a imagem viva das línguas acessíveis a mim para consideração geral; o detalhe tinha, aqui, importância secundária; eu não pude nem quis apresentar coisas novas e desconhecidas.¹⁸ (Madvig, 1875, p. V-VI)

16 O principal motivo para que Madvig se opusesse ferozmente contra certas posturas historicizantes dos estudos linguísticos, como o faz no capítulo IV dos *KPS*, “Zerstreute sprachwissenschaftliche Bemerkungen” [Notas linguísticas dispersas], era a influência do idealismo alemão na linguística do século XIX. No caso dessas posturas, especialmente presentes nos estudos etimológicos e nas tentativas de reconstrução de protolínguas, a busca por supostos significados originais não raramente estava atrelada à ideia de que as línguas mais antigas seriam mais puras e as modernas mais decadentes (cf. Christy, 1983 para um relato mais completo da relação entre essas ideias e a teoria organicista, bem como das principais críticas e dos modelos alternativos a elas). A teoria de Madvig, por outro lado, defendia que a linguagem seria arbitrária, convencional e sistêmica, tendo sua natureza ditada pelo uso e pelas funções comunicativas (Hauger, 1990, p. 202). Assim, é compreensível que Madvig temesse que esse tipo de abordagem, apesar de não excluir a possibilidade da pesquisa histórica, pudesse não ser estimado por comparativistas e etimólogos.

17 Como veremos posteriormente na resenha que Brugmann faz dos *KPS*, sua tentativa não foi de todo efetiva.

18 “Uebereifrige und einseitige vergleichende Sprachforscher, die es mir verargen, dass ich, bei der vollsten und innigsten Anerkennung der hohen Bedeutung des comparativen Sprachstudiums, diese Bedeutung richtig zu bestimmen und zu begränzen gesucht und falsche Versprechungen und Uebergriffe abgewiesen habe, und dabei zugleich darauf aufmerksam gemacht, dass ausgezeichnetes historisches Wissen und scharfsinniges Vergleichen nicht immer mit Klarheit über das Grundwesen der Sprache verbunden ist

Na passagem acima, Madvig sai em defesa de algo que até então era pouco explorado: as línguas modernas já estudadas como fonte para a compreensão de fenômenos linguísticos gerais. Até então, o uniformitarismo¹⁹ não vigorava na linguística. Somente a partir da recepção de Whitney²⁰, cuja relação com as ciências geológicas²¹ havia fomentado seu interesse pelo debate em torno desse princípio, ele colocaria em evidência a importância do estudo de línguas modernas²². Além dos textos de Whitney, o estudo das línguas modernas se intensificaria a partir da consolidação da dialetologia como parte dos estudos linguísticos, especialmente com os trabalhos seminais do suíço Jules Gillierón (1854-1926), que produziu análises dialetais do francês da Suíça²³, além de um atlas linguístico junto com o francês Edmond Edmont (1849-1926)²⁴; do italiano Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), que fundou a revista científica *Archivio Glottologico Italiano*, editada até hoje; do alemão Georg Wenker (1852-1911), que trabalhou com a dialetação do alemão²⁵; etc.

Apesar de suas propostas se aproximarem profundamente do uniformitarismo defendido por Whitney, Madvig parece não ter tido contato

(...), werden (...) den Beweis führen können, dass ich nicht auf der jetzigen Höhe der Wissenschaft stehe, noch sie kenne; auch nicht ungünstige und billige Beurtheiler werden mir vielleicht den einen oder den andern Detailfehler nachweisen. Ich habe die sichern und umfassenden Resultate der comparativen Forschung (innerhalb eines für den Zweck hinlänglichen Gebietes) in Verbindung mit dem lebendigen Bilde der mir zugänglichen Sprachen für die allgemeine Betrachtung zu verwerthen gestrebt; das Detail hatte hier untergeordnete Bedeutung; Neues und Unbekanntes konnte und wollte ich nicht geben.”

19 Chama-se *uniformitarismo* o princípio de que é possível inferir os fenômenos e processos do passado a partir da observação e análise dos fenômenos e processos do presente.

20 Vale ressaltar que Whitney não foi o primeiro linguista a tratar do uniformitarismo. Wells (1973, p. 424-425) aponta para Max Müller (1823-1900) como o primeiro uniformitarista da área, enquanto Christy (1983, p. 25-26) indica que possivelmente teria sido William Whewell (1794-1866). Independentemente do pioneirismo, foram as considerações de Whitney que tornaram o uniformitarismo relevante para os estudos linguísticos.

21 O irmão de William D. Whitney, Josiah Dwight Whitney (1819-1896), era um geólogo de certa relevância. Naquele momento, o uniformitarismo já estava bem estabelecido como um dos princípios mais importantes da área da geologia, na qual ele havia surgido. Além das correspondências entre os irmãos Whitney, Christy (1983, p. 78-79) também aponta para outras evidências de que o linguista estadunidense tinha conhecimento dos escritos de William Whewell e Charles Lyell (1797-1875), cujas obras foram essenciais para o desenvolvimento do embate entre o catastrofismo e o uniformitarismo.

22 Os linguistas do século XIX se ocupavam principalmente das mudanças linguísticas e muitos deles buscavam compreender como teriam se comportado línguas que não deixaram registros, como o protogermânico, o protoeslavo e o protoindo-europeu. As línguas modernas, por outro lado, eram frequentemente deixadas de lado, em especial por alguns organicistas que as consideravam versões decadentes de línguas outrora puras. A partir da aceitação mais ampla do princípio do uniformitarismo, o estudo das línguas modernas passa a ser uma fonte de estudo também para os fenômenos linguísticos mais antigos, uma vez que, de acordo com esse princípio, as línguas antigas passariam pelos mesmos processos que as modernas. Para um relato mais completo do surgimento e da disseminação do uniformitarismo na linguística do século XIX, cf. Christy (1983).

23 GILLIÉRON, Jules. **Petit atlas phonétique du Valais roman (sud du Rhône)**. Paris: Champion, 1881.

24 GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas linguistique de la France**. 9 vols. Paris: Champion, 1902-1910.

25 WENKER, Georg. **Das rheinische Platt**. Düsseldorf: Autopublicação, 1877.

com esse conceito, tendo desenvolvido suas ideias de forma independente do debate que acontecia na geologia anglófona²⁶. Ainda assim, a título de exemplo dessa proximidade, encontramos no segundo texto dos *KPS*, *Ueber Wesen, Entwicklung und Leben der Sprache. 1. Stück*. [Sobre a Natureza, o Desenvolvimento e a Vida da Linguagem. Parte 1.], uma passagem que poderia ser facilmente encontrada em uma defesa de uma abordagem abertamente uniformitarista da linguística:

Para excluir um grande número de conjecturas vagas sobre a origem da linguagem, que parecem ter o mais amplo e livre espaço aqui, deve-se deter estritamente à importante relação com os falantes, que não ocorre apenas atualmente, mas foi estabelecida na natureza da linguagem, e entender que o ato de formação da linguagem não foi outro senão aquele pelo qual a língua real e agora existente foi produzida como meio livre e compreensível de comunicação (...).²⁷ (Madvig, 1875, p. 56)

De fato, o trecho acima em muito se assemelha à proposta de Whitney, como vemos na passagem a seguir:

A natureza e os usos da linguagem, bem como as forças que agem sobre ela e produzem suas mudanças, não podem deixar de ter sido essencialmente os mesmos durante todos os períodos de sua história, em meio a todas as suas circunstâncias mutáveis, em todas as suas diferentes fases; e não há outra maneira de investigar seu passado desconhecido senão pelo estudo cuidadoso de seu presente vivo e seu passado registrado, e a extensão e aplicação às condições remotas de leis e princípios deduzidos desse estudo. (...) [E] aquele que declara a origem e o caráter dos dialetos e formas da linguagem antigos como fundamentalmente diferentes daqueles dos dialetos e formas de linguagem modernos só pode ser comparado ao geólogo que reconhece a formação por ação

26 Wells (1973) e Christy (1983) não mencionam Madvig entre os linguistas que aderiram ao uniformitarismo no século XIX. Aarsleff (1979), por outro lado, insere Madvig na tradição desse princípio, ainda que reconhecendo que Madvig o tenha desenvolvido sem ter tido contato com a obra de Lyell (Aarsleff, 1979, p. 322, nota 15). Hauger (1990, p. 224-225) reconhece, por um lado, que não é possível provar que Madvig tenha entrado em contato com os livros de Lyell, mas ressalta, por outro, que também é plausível que ele tenha conhecido Lyell pessoalmente entre 1834 e 1837, quando o geólogo escocês deu aula na Dinamarca.

27 “Um von der Frage vom Ursprung der Sprache eine Menge lose Vermuthungen auszuschliessen, die hier den weitesten und freiesten Spielrum zu haben scheinen, muss man streng das nicht nur jetzt stattfindende, sondern in der Natur der Sprache begründete und nothwendige Verhältniss zu den sprechenden Menschen festhalten und sich es klar machen, dass der Akt der Sprachbildung kein anderer war als derjenige, wodurch die Wirkliche, jetzt existirende Sprache als verständliches und freies Mittel der Mittheilung hervorgebracht ward (...).”

aquosa de leitos de cascalho e de seixos recentes, mas nega que a água tenha tido algo a ver com a produção de arenitos e conglomerados antigos.²⁸ (Whitney, 1867, p. 184)

Não se trata, é preciso ressaltar, de acusar Whitney de plagiar as ideias de Madvig. Essa hipótese – aludida e descartada pelo próprio Madvig, ainda que de forma tímida, como vimos acima – parece não se sustentar, uma vez que Whitney foi, de fato, influenciado pelos debates na geologia para chegar ao princípio uniformitarista, e não há qualquer indício de que Madvig tenha tomado conhecimento do debate que se deu na geologia – para além da pequena possibilidade apontada por Hauger (1990, p. 224-225) de que o dinamarquês tivesse conhecido Lyell pessoalmente. Interessa-nos, na verdade, que os dois autores tiveram recepções muito distintas por parte dos linguistas alemães, como veremos na próxima seção.

2. A resenha de Karl Brugmann

Karl Brugmann (1849-1919) foi um linguista alemão que entraria em evidência na segunda metade da década de 1870 como um dos principais membros dos Jovens Gramáticos. Formado na Universidade de Leipzig, tendo sido aluno tanto de August Leskien quanto de Georg Curtius, Brugmann ganhou fama através de textos polêmicos, em especial dois artigos²⁹ publicados na revista editada por Curtius que iam de encontro aos trabalhos de August Schleicher³⁰, além do chamado “Manifesto dos Jovens Gramáticos”, escrito em conjunto com Hermann Osthoff (1847-1909) como um prefácio ao periódico fundado por eles³¹, cujo intuito era publicar artigos do grupo. Outro momento polêmico de sua carreira foi entre os anos de 1885 e 1886,

28 “The nature and uses of speech, and the forces which act upon it and produce its changes, cannot but have been essentially the same during all the periods of its history, amid all its changing circumstances, in all its varying phases; and there is no way in which its unknown past can be investigated, except by the careful study of its living present and its recorded past, and the extension and application to remote conditions of laws and principles deduced by that study. (...) [A]nd he who pronounces the origin and character of ancient dialects and forms of speech to be fundamentally different from those of modern dialects and forms of speech can only be compared with the geologist who should acknowledge the formation by aqueous action of recent gravel and pebble-beds, but should deny that water had anything to do with the production of ancient sandstones and conglomerates.”

29 BRUGMANN, Karl. Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, Leipzig, vol. 9, p. 285-338, 1876; BRUGMANN, Karl. Zur Geschichte der Stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: die Nomina auf -ar- und -tar-. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, Leipzig, vol. 9, p. 361-406, 1876.

30 Cf. Morpurgo Davis (1998, p. 230-231) para um relato do episódio.

31 OSTHOFF, Hermann; BRUGMANN, Karl. **Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen**. vol.1. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1878

quando se envolveu³² na chamada *Controvérsia da Lei Sonora*³³, episódio no qual os Jovens Gramáticos e seus críticos entraram em um embate acerca do princípio das leis sonoras.

Menos polêmica, pelo menos em termos de impacto, foi a sua resenha dos *KPS* de Madvig, publicada em 22 de janeiro de 1876. Brugmann, que ainda não havia publicado nenhum dos textos supracitados, já ensaiava seu estilo duro de escrita, tecendo críticas ao linguista dinamarquês. De forma irônica, Brugmann (1876, p. 114) afirma que Madvig acredita ter chegado a uma visão mais clara e correta sobre o funcionamento básico da linguagem do que os linguistas alemães mais influentes até então, como Wilhelm von Humboldt, Jacob Grimm (1785-1863), August Pott (1802-1887), August Schleicher, Georg Curtius e Max Müller³⁴. Ele deixa claro que apesar de Madvig acreditar que suas ideias sejam relevantes e inovadoras para os estudos da linguagem, seus colegas alemães – o próprio Brugmann incluso – discordariam profundamente disso:

Admitimos prontamente que os artigos de Madvig contêm muitas coisas pertinentes e acreditamos que todo linguista pode obter muitos estímulos frutíferos da leitura dele. Mas eles também contêm muitas coisas extremamente problemáticas, e (...) Madvig acredita ter fomentado a linguística e jogado nela uma nova luz com suas questões fundamentais (...).³⁵ (Brugmann, 1876, p. 114)

40 Ao criticar as ideias de Madvig, Brugmann se debruça especificamente sobre apenas um: o da arbitrariedade dos signos linguísticos. Assim como Whitney – e posteriormente o Ferdinand de Saussure (1857-1913) do *Curso de Linguística Geral* –, Madvig defende que as relações entre os sons e seus significados são constituídas por acordos arbitrários entre falantes, e não por uma essencialidade:

Desde o primeiro ato da formação da linguagem, que remonta muito além de toda a experiência histórica, no qual o som, determinado pela natureza das impressões recebidas e pelo estado momentâneo do receptor, foi estabelecido com liberdade como um signo fixo e coletivo para o fenômeno que produz a impressão, in-

32 BRUGMANN, Karl. *Zum heutigen Stand der Sprachwissenschaft*. Strasbourg: K. J. Trübner, 1885.

33 Para uma documentação desse episódio, cf. Wilbur (1977).

34 É curioso que Brugmann mencione esses linguistas, uma vez que eles (ou a maioria deles, a depender da classificação utilizada) constituem uma tradição que os Jovens Gramáticos rechaçariam de forma explícita a partir de 1878.

35 “Wir gestehen gerne zu, daß Madvig’s Abhandlungen vieles recht Treffende enthalten und find der Ansicht, daß jeder Sprachforscher aus der Lectüre derselben mancherlei fruchtbare Anregung empfangen kann. Aber sie enthalten auch vieles höchst Problematische, und (...) Madvig meint, er habe die Sprachwissenschaft in ihren Grundfragen gefördert und hier neues Licht verbreitet (...).”

dependente da impressão momentânea e da disposição subjetiva, e assim adquiriu um significado baseado na aprovação de vários, a linguagem se desenvolveu como um sistema interconectado e interdependente de signos, expressos em sons articulados, que representam conceitos e suas relações, os quais são válidos apenas pelo reconhecimento e sanção dos participantes da linguagem, e têm significado apenas por meio desse reconhecimento e aprovação.³⁶ (Madvig, 1875, p. 55)

Essa concepção contrariava a tradição organicista, que angariava adeptos desde a virada do século. Na altura dos anos 1870, o modelo a ser seguido era o de Schleicher, um organicista ferrenho. Apesar de já em 1876 se posicionar como crítico desse linguista, Brugmann ainda estava inserido no método comparativo, para o qual a metáfora organicista fornecia bases importantes³⁷. Madvig, por outro lado, criticava a postura historicizante dos comparativistas justamente por entender que suas análises pendiam para uma compreensão essencialista da origem das línguas, isto é, uma compreensão de que haveria um vínculo essencial entre sons e significados. Brugmann, então, contrasta Madvig com “todos os linguistas recentes desde Humboldt” (Brugmann, 1876, p. 115), de forma a relegar suas reflexões a um campo de discussões desatualizadas, afirmando que os argumentos do dinamarquês eram insuficientes para refutar a concepção majoritária entre comparativistas – ainda que reconheça, de certo modo, a validade de algumas de suas considerações:

O que Madvig apresenta para refutar seus oponentes, i.e. praticamente todos os linguistas recentes desde Humboldt, contém muitas coisas inegavelmente corretas, já que ele refuta aqueles que abusaram e levaram ao extremo o princípio interjetivo e onomatopéico; porém, ele não consegue de modo algum, ao nosso ver, refutar aqueles que partem da imitação real e simbólica por meio dos sons.³⁸ (Brugmann, 1876, p. 115)

36 “Vom ersten, weit jenseits aller geschichtlichen Erfahrung zurück liegenden Akt der Sprachbildung an, wodurch Laut, durch die Beschaffenheit empfangener Eindrücke und den augenblicklichen Zustand des Empfangenden bestimmt, mit Freiheit als festes und gemeinschaftliches Zeichen für die den Eindruck hervorbringende Erscheinung, unabhängig vom augenblicklichen Eindruck und der subjektiven Stimmung, gesetzt ward und so eine auf Zustimmung mehrerer beruhende Bedeutung erhielt, entwickelte sich die Sprache als ein in artikulirtem Laute ausgeprägtes, in allen Theilen zusammenhängendes und gegenseitig bedingtes System von Zeichen für Vorstellungen und ihrer Verbindungsverhältnisse, die durch die Anerkennung und Sanktion der an der Sprache Theilnehmenden gelten und nur in dieser Anerkennung und durch sie Bedeutung haben.”

37 Para um comentário sobre como Schleicher reorganizou o organicismo nas bases filosófica e teórica da linguística comparativa, cf. Amsterdamska (1987, p. 45-50)

38 “Was Madvig zur Widerlegung seiner Gegner, d. h. also so ziemlich aller neueren Sprachforscher seit Humboldt, vorbringt, enthält vielfach insofern unverkennbar Richtiges, als er die widerlegt, die das interjectionale und onomatopöietische Princip mißbraucht und

No entanto, como já indicado anteriormente, Madvig não seria o único a criticar a concepção essencialista dos comparativistas. Whitney também faria o mesmo já em seu *Language and the Study of Language* (1867), traduzido para o alemão em 1874 por Julius Jolly (1849-1932). Nota-se, na passagem a seguir, que não só Madvig, como também Whitney estão muito próximos daquilo que mais tarde seria uma das bases para a linguística estruturalista do século XX:

(...) [E]m primeiro lugar, vemos, acredito eu, a partir da nossa análise sobre como a linguagem é aprendida e ensinada, como a sua vida é mantida, o que se quer dizer quando falamos e escrevemos sobre ela ter uma existência independente ou objetiva, como sendo um organismo ou possuindo uma estrutura orgânica, como tendo leis de crescimento, como sentindo tendências, como se desenvolvendo, como se adaptando às nossas necessidades e assim por diante. Todas essas são expressões figurativas, a linguagem do tropo e da metáfora, não um puro e simples fato (...) A linguagem não tem, na verdade, nenhuma existência além das mentes e bocas daqueles que a utilizam; ela é composta por sinais articulados de pensamento separados, cada um dos quais está ligado por uma associação mental à ideia que representa, é proferido por esforço voluntário e tem o seu valor e circulação apenas pelo acordo dos falantes e ouvintes. Está no poder deles, sujeito à vontade deles; tal como é mantido, também é modificado e alterado, bem como pode ser abandonado, pela ação conjunta e consentida deles, e de nenhuma outra maneira.³⁹ (Whitney, 1867, p. 35)

42

Diferentemente do caso do uniformitarismo, ao qual Madvig e Whitney parecem ter chegado de forma distinta, a ideia de que as línguas seriam arbitrárias parece ser retraçada, para ambos, a uma tradição iluminista

auf die Spitze getrieben haben; keineswegs aber gelingt es ihm, wie uns dünkt, diejenigen zu widerlegen, welche von wirklicher und symbolischer Nachahmung durch die Laute ausgehen.”

39 “(...) [I]n the first place, we see, I think, from our examination of the manner in which language is learned and taught, in which its life is kept up, what is meant when we speak and write of it as having an independent or objective existence, as being an organism or possessing an organic structure, as having laws of growth, as feeling tendencies, as developing, as adapting itself to our needs, and so on. All these are figurative expressions, the language of trope and metaphor, not a plain fact (...) Language has, in fact, no existence save in the minds and mouths of those who use it; it is made up of separate articulated signs of thought, each of which is attached by a mental association to the idea it represents, is uttered by voluntary effort, and has its value and currency only by the agreement of speakers and hearers. It is in their power, subject to their will; as it is kept up, so is it modified and altered, so may it be abandoned, by their joint and consenting action, and in no other way whatsoever.”

de estudos da linguagem dos séculos XVII e XVIII⁴⁰. Hauger (1990, p. 184) aponta para dois autores que poderiam ter influenciado Madvig nesse sentido, por serem defensores de ideias semelhantes: John Locke (1632-1704) e Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780). Já como influências de Whitney, Alter (2005) aponta tanto para Locke (p. 54-55) quanto para o chamado *sensu comum escocês*, que abarcava pensadores como Hugh Blair (1718-1800) e George Campbell (1719-1796) e que vigorava nas universidades anglófonas (ibid., p. 72-73). Nessas tradições, a arbitrariedade do signo linguístico era uma moeda corrente, enquanto para os linguistas alemães⁴¹, que as haviam substituído pelo idealismo na virada do século XVIII para o XIX, elas pareciam datadas⁴². Nesse sentido, Brugmann reconhece que as discussões levantadas por Madvig são importantes, apesar de terem sido deixadas para trás por conta dos avanços da metodologia comparativa, mas que o despreço do dinamarquês pela pesquisa histórica indicaria, na verdade, que ele não estaria familiarizado com a linguística moderna:

As questões discutidas e resolvidas por Madvig do segundo ao quarto artigos são, em grande parte, deixadas em segundo plano nos dias de hoje. Convenceu-se de que se tinha apressadamente se almejado muito alto, de modo que a construção do fundamento ainda exigiria que todas as mãos permanecessem ocupadas por muito tempo e que as investigações sobre os princípios últimos da formação da língua poderiam temporariamente levar apenas a suposições mais ou menos vagas. Portanto, essas últimas questões não devem ser, de forma alguma perdidas de vista, e seria injusto considerar a publicação destes artigos como datada. Quando, no entanto, por um lado, Madvig manifesta claramente seu despreço por tudo o que constitui a parte fisiológica do som e o tratamento puramente fonético da língua (...) e por outro lado apresenta suas teorias não comprovadas como fatos estabelecidos (...), então ele já demonstra, o que não raro se torna evidente de outros modos em pontos consideráveis, que ele não está suficientemente familiarizado com o estado atual da linguística comparativa.⁴³ (Brugmann, 1876, p. 115)

40 Para um estudo amplo e detalhado dessas tradições e de seus legados, cf. Nerlich e Clarke (1996).

41 Como Brugmann, em sua resenha do livro de Madvig.

42 Algo semelhante aconteceu na França, com Michel Bréal (1832-1915), que retomou a filosofia da linguagem do século XVIII, defendendo o caráter comunicativo e arbitrário da linguagem. Para um comentário acerca desse tema, cf. Aarsleff (1982). Sobre os desdobramentos da tradição retomada por Bréal, cf. o capítulo 10 de Nerlich e Clarke (1996).

43 “Die Fragen, welche Madvig in der 2.-4. Abhandlung bespricht und entscheidet, find heutzutage größentheils in den Hintergrund getreten. Man hat sich überzeugt, daß man voreilig zu hoch gegriffen habe, daß der Ausbau des Fundamentes noch auf lange Zeit hinaus alle Hände beschäftigen müsse und Untersuchungen über die letzten Principien der Sprachbildung vorläufig nur zu mehr oder minder vagen Vermuthungen führen können.

Até 1876, Brugmann ainda não havia se declarado abertamente adepto das ideias de Whitney⁴⁴. Ainda assim, existem indícios de que ele já estava minimamente familiarizado com o estadunidense. A primeira menção a Whitney nos textos de Brugmann se dá em 1874⁴⁵, na resenha ao livro de August Fick (1833-1916) *Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europas* (1873), na qual ele cita *en passant* o trabalho do estadunidense como sanscritista, mais especificamente um texto publicado nos anais da *American Oriental Society*. Whitney já era um sanscritista relevante mesmo na Alemanha, sendo citado ocasionalmente por Berthold Delbrück (1842-1922) – outro membro dos Jovens Gramáticos – pelo menos desde 1868⁴⁶.

No entanto, talvez as duas principais evidências de que Whitney já era uma figura próxima dos jovens estudantes da Universidade de Leipzig são a tradução quase imediata de *The Life and Growth of Language* para o alemão por August Leskien – o original fora publicado em 1875 e sua tradução em 1876 – e a publicação de *Grundzüge der Lautphysiologie zur Einführung in das Studium der Lautlehre der indogermanischen Sprachen*, de Eduard Sievers (1850-1932)⁴⁷, o primeiro livro da coleção *Bibliothek indogermanischer Grammatiken*, da qual Whitney participa como um dos editores, sendo o mais velho entre eles⁴⁸. Os demais livros da coleção, todos publicados em Leipzig, foram:

Darum dürfen freilich diese letzten Fragen keineswegs aus dem Auge verloren werden, und man thäte Unrecht, wenn man die Veröffentlichung der vorliegenden Abhandlungen als nicht zeitgemäß bezeichnen wollte. Wenn nun aber Madvig enerseits ganz unverkennbar seine Geringschätzung alles dessen, was den lautphysiologischen und rein phonetischen Theil der Sprachbetrachtung ausmacht, an den Tag legt (...) und andererseits seine unbeweisbaren Theorien wie feststehende Thatfachen hinstellt (...), so zeigt er schon damit, was nicht selten in wesentlichen Punkten auch in anderer Weise hervortritt, daß er mit dem gegenwärtigen Stande der vergleichenden Sprachwissenschaft nicht hinlänglich bekannt ist.”

44

44 Apesar de os Jovens Gramáticos de modo geral terem demorado a reconhecer a influência de Whitney em seus trabalhos – algo que de modo algum se limita a Whitney –, é possível percebê-la com alguma facilidade (cf. Jankowsky, 1972, p. 169-172)

45 FICK, August. *Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europa's*. Göttingen: Vandenhoeek und Ruprecht, 1873. Resenha de: BRUGMANN, Karl. **Literarisches Centralblatt**, p. 112-114, 24 de janeiro de 1874.

46 EBEL, Hermann Wilhelm; LESKIEN, August; SCHMIDT, Johannes; SCHLEICHER, August. *Indogermanische Chrestomathie: Schriftproben und lesestücke mit erklärenden glossaren zu August Schleichers compendium der vergleichenden grammatik der indogermanischen sprachen*. Weimar: Hermann Böhlau, 1869. Resenha de: DELBRÜCK, Berthold. **Literarisches Centralblatt**, p. 117-118, 23 de janeiro de 1869.

47 Sievers foi o mais novo dos Jovens Gramáticos, além de ser um dos mais influentes do grupo. O livro em questão foi importante para os desdobramentos do programa de pesquisa dos Jovens Gramáticos a respeito do princípio das leis sonoras in excepcionais.

48 William D. Whitney fez 49 anos em 1876. Naquela altura, além de secretário da American Oriental Society, também era professor de sânscrito na Universidade de Yale desde 1854 e de filologia comparada desde 1869. O segundo mais velho era Franz Bücheler (39), professor de filologia na Universidade de Bonn. Além deles, August Leskien (36) já havia sido professor de linguística comparativa na Universidade de Jena entre 1869 e 1870, sendo desde então professor de eslavística na Universidade de Leipzig. Ernst Windisch (32) era professor de gramática comparada na Universidade de Heidelberg e passaria para a Universidade de Leipzig em 1877 como professor de sânscrito. Heinrich Hübschmann (28) se tornaria naquele ano professor de línguas indo-arianas na Universidade de Leipzig.

- Vol. II: WHITNEY, William Dwight. **Indische Grammatik, umfassend die klassische Sprache und die älteren Dialecte.** Tradução do inglês por Heinrich Zimmer. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1879.⁴⁹
- Vol. III: MEYER, Gustav. **Griechische Grammatik.** Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1880.⁵⁰
- Vol. IV: DELBRÜCK, Berthold. **Einleitung in das Sprachstudium.** Ein Beitrag zur Geschichte und Methodik der vergleichenden Sprachforschung. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1880.
- Vol. V: HATZIDAKIS, Georgios N. **Einleitung in die neugriechische Grammatik.** Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1892.⁵¹
- Vol. VI: HÜBSCHMANN, Heinrich. **Armenische Grammatik.** Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1897.⁵²

Considerando que a maior parte dos editores da coleção ou se tornariam integrantes dos Jovens Gramáticos ou seriam muito próximos do grupo⁵³, é possível afirmar, com alguma segurança, que por volta de 1875 Whitney já era uma figura relativamente conhecida nos círculos de estudos linguísticos da Universidade de Leipzig, na qual Brugmann estudava.

Gustav Meyer (26) era professor de sânscrito e de gramática comparativa na Universidade de Graz desde 1875 e se tornaria também, naquele ano, professor de gramática comparativa do grego e do latim na Universidade de Praga. Por fim, Eduard Sievers (26) era professor de filologia germânica desde 1871 na Universidade de Jena.

49 Nessa edição, Hugo Weber (1832-1904) foi incluído como um dos editores. Vale ressaltar, também, que o original em inglês dessa obra foi publicada no mesmo ano, evidenciando o trabalho em conjunto entre Whitney e seus pares alemães.

50 A partir deste volume, Berthold Delbrück, que havia sucedido Leskien como professor de linguística comparativa na Universidade de Jena, passa a fazer parte dos editores.

51 Karl Foy (1856-1907), um linguista de menor expressão que escreveu sobre o grego e sobre as línguas túrquicas, se torna parte do time de editores da coleção.

52 O último volume da coleção e também o único publicado após a morte de Whitney em 1894. Três novos editores integram a equipe: o grego Georgios Hatzidakis (1848-1941), autor do volume anterior, que havia estudado em Leipzig em 1877 e era professor de linguística e filologia indiana na Universidade de Atenas; Wilhelm Streitberg (1864-1925), germanista, professor de linguística na Universidade de Friburgo, na Suíça, e fundador junto de Karl Brugmann da revista *Indogermanische Forschungen*, iniciada em 1892 e editada até hoje; e o suíço Rudolf Thurneysen, famoso celticista que havia sido professor de romanística e linguística comparativa na Universidade de Jena entre 1885 e 1887 e era, desde então, professor de filologia comparativa na Universidade de Freiburg.

53 A classificação é, por vezes, difícil, pois não se trata de uma associação, mas sim de uma categorização artificial criada pela historiografia. No entanto, se seguirmos Jankowsky (1972), os Jovens Gramáticos que participaram da coleção *Bibliothek indogermanischer Grammatiken* foram August Leskien, Berthold Delbrück e Eduard Sievers, três dos mais influentes. Morpurgo Davies (1998, p. 229) também inclui Heinrich Hübschmann ao grupo. Meillet (1905 apud Morpurgo Davies, 1998, p. 279) inclui Meyer e Thurneysen como parte do “grupo de Leipzig” que se “caracterizaria pela importância atribuída à analogia e por seu desejo de postular leis gerais” – uma definição recorrente dos Jovens Gramáticos. Streitberg, discípulo de Karl Brugmann, pode ser incluído ao menos como simpatizante do grupo.

Esses documentos abrem espaço para duas hipóteses⁵⁴ sobre as razões pelas quais Brugmann escreve uma resenha negativa do livro de Madvig: a) ele já estava familiarizado com as ideias de Whitney, tanto acerca do uniformitarismo quanto acerca da arbitrariedade dos signos linguísticos, e criticou Madvig como forma de proteger os textos de Whitney, uma vez que o estadunidense já vinha trabalhando com outros linguistas alemães associados a Brugmann, inclusive na Universidade de Leipzig; ou b) Brugmann já estava familiarizado com as ideias de Whitney, tanto acerca do uniformitarismo quanto da arbitrariedade dos signos linguísticos, mas ainda não havia aderido a elas em janeiro de 1876.

A primeira hipótese pode ser sustentada pelos fatores apresentados acima. A obra de Whitney estava sendo editada em Leipzig em conjunto com August Leskien, professor de Brugmann e mentor dos (futuros) Jovens Gramáticos, gerando um interesse institucional – e, talvez, editorial – em prol do linguista estadunidense. Nesse sentido, o livro de Madvig, que pouco (ou nada) havia colaborado com os pesquisadores alemães a despeito da proximidade geográfica, poderia pôr em xeque a inovação teórica prometida pelos textos de Whitney e pelas futuras pesquisas a serem desenvolvidas à luz deles pelo círculo de Leipzig nos anos subsequentes.

Já a segunda hipótese, um pouco mais incerta, encontra espaço quase unicamente pela ausência de evidências de que Brugmann estava comprometido com as ideias de Whitney no ano de publicação da resenha. Ainda que Brugmann tenha demonstrado posteriormente um apreço por Whitney – como bem aponta Jankowsky (1972, p. 169-172) –, não há indícios de uma influência profunda já na década de 1870. Não podemos descartar totalmente a possibilidade de que o alemão não estivesse convencido do princípio uniformitarista ou da arbitrariedade dos signos, apesar de inserido em um contexto que fomentasse essas ideias.

Ainda que a primeira hipótese nos pareça mais sólida, é impossível afirmarmos com certeza qual delas se aplica melhor. Sabemos que esse período em especial foi muito efervescente, com textos relevantes sendo publicados em curtos espaços de tempo, e que os próprios Jovens Gramáticos, mesmo após a publicação do Manifesto em 1878, ainda não tinham estabelecido suas bases filosóficas, teóricas e metodológicas de forma concreta e definitiva⁵⁵. De qualquer modo, levando em consideração que alguns historiadores,

54 Uma terceira seria que Brugmann já conhecia o trabalho de Whitney como sanscritista, tal como Delbrück, mas não suas ideias sobre linguística geral. Essa hipótese, no entanto, parece pouco sólida, considerando a tradução para o alemão de *Language and the Study of Language* em 1874, o sucesso do livro em inglês, e a tradução de 1876 de *The Life and Growth of Language* por Leskien, tido pelos próprios Jovens Gramáticos como seu principal mentor.

55 Um exemplo disso é comentado por Morpurgo Davies (1998, p. 252-253). Em 1879, Osthoff relaciona o fenômeno das mudanças sonoras às mudanças nos órgãos da fala, que por sua vez estariam atreladas a mudanças de condições climáticas. Já no ano seguinte, Delbrück e Hermann Paul (1846-1921) abandonam qualquer tipo de explicação causal das mudanças sonoras, restringindo-se a tratar dos dados empíricos.

sociólogos e filósofos da ciência consideram 1876 como o ano de ruptura dos Jovens Gramáticos – em especial nas figuras de Leskien e Brugmann – com seus antecessores, talvez seja preciso levar em consideração a recusa de Brugmann das ideias de Madvig, muito semelhantes às de Whitney, bem como sua – ainda que tímida – defesa na mesma resenha da linguística estabelecida e praticada por cientistas como Schleicher e Curtius, a quem os Jovens Gramáticos se oporiam posteriormente.

Considerações finais

A publicação dos *Kleine philologische Schriften* (1875) de Johan Nicolai Madvig tinha como objetivo disseminar as ideias do linguista e filólogo dinamarquês na Alemanha, que já havia se tornado o principal polo de estudos linguísticos na Europa. Familiarizado com a obra do estadunidense William Dwight Whitney, que continha muitas ideias semelhantes às suas, Madvig estava preocupado com a possibilidade de não ter seus textos vistos como originais, ainda que tivessem sido publicados entre 1835 e 1871.

Whitney, por sua vez, teve uma maior inserção na Alemanha não somente por meio da tradução de suas obras, mas também por se manter ativo como editor de novos livros em colaboração com outros professores e alunos de universidades alemãs, em especial em Leipzig, onde foi publicada a coleção *Bibliothek indogermanischer Grammatiken*.

A resenha dos *Kleine philologische Schriften* escrita por Karl Brugmann, um dos principais membros dos Jovens Gramáticos, foi negativa, algo surpreendente, uma vez que as ideias de Whitney serviriam de inspiração para o grupo como um todo. Desse modo, postulam-se duas hipóteses: ou a crítica de Brugmann teve como objetivo proteger as publicações já em andamento de Whitney na Alemanha, ou em 1876 Brugmann ainda não havia aderido às ideias do estadunidense.

Espera-se que este trabalho tenha oferecido uma análise satisfatória dos motivos pelos quais Madvig seguiu sendo um marginal na linguística do século XIX, e que também fomente novos trabalhos e novas ideias – seja a partir da historiografia, da sociologia ou da filosofia da linguística – em torno da recepção de ideias linguísticas a partir de documentos menos trabalhados, como resenhas publicadas em jornais e revistas.

Referências

AARSLEFF, Hans. Bréal vs. Schleicher: Linguistics and Philology during the Latter Half of the Nineteenth Century. *In*: HOENIGSWALD, Henry M. (Org.). **The European Background of American Linguistics**. Berlim e Nova York: De Gruyter Mouton, 1979.

AARSLEFF, Hans. **From Locke to Saussure**: Essays on the Study of Language and Intellectual History. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

ALTER, Stephen G. **William Dwight Whitney and the Science of Language**. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, 2005.

AMSTERDAMSKA, Olga. **Schools of Thought**: The Development of Linguistics from Bopp to Saussure. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1987.

BERNARDES, Everton Mitherhofer. **Movimentações epistemológicas na linguística entre 1861 e 1880**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

BRUGMANN, Karl. Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, Leipzig, vol. 9, p. 285-338, 1876b.

48 BRUGMANN, Karl. Zur Geschichte der Stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: die Nomina auf -ar- und -tar-. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, Leipzig, vol. 9, p. 361-406, 1876c.

CHRISTY, Thomas Craig. **Uniformitarianism in Linguistics**. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

HAUGER, Brigitte Seidensticker. **Johan Nicolai Madvig (1804-1886)**: The language theory of a classical philologist, investigated within the framework of 19th-century linguistics. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate School of Georgetown University, Universidade de Georgetown, Washington, 1990.

JANKOWSKY, Kurt R. **The Neogrammarians**. A re-evaluation of their place in the development of linguistic science. Haia e Paris: Mouton, 1972.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Models in Linguistic Historiography. *In*: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography**: Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1989a. p. 47-60.

BERNARDES, E.M.
*A recepção de
Johan Nicolai
Madvig na
linguística alemã
do século XIX*

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. August Schleicher and Linguistic Science in the Second Half of the 19th Century. In: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Practicing Linguistic Historiography**: Selected essays. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1989b. p. 325-376.

LEROUX, Jean. An Epistemological Assessment of the Neogrammarian Movement. In: KIBBEE, Douglas A. (ed.) **History of Linguistics 2005**. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 262-273.

LESKIEN, August. **Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen**. Leipzig: S. Hirzel, 1876.

MADVIG, Johan Nicolai. **Syntax der griechischen Sprache, besonders der attischen Sprachform, für Schulen**. Braunschweig: Druck und Verlag von Friedrich Vieweg und Sohn, 1847.

MADVIG, Johan Nicolai. **Lateinische Sprachlehre für Schulen**. 4a ed. Braunschweig: Druck und Verlag von Friedrich Vieweg und Sohn, 1867.

MADVIG, Johan Nicolai. **Kleine philologische Schriften**. Leipzig: Teubner, 1875.

MADVIG, Johan Nicolai. **Kleine philologische Schriften**. Leipzig: Teubner, 1875. Resenha de: BRUGMANN, Karl. **Literarisches Centralblatt**, v. 4, p. 114-116, 22 de jan. 1876a.

MORPURGO DAVIES, Anna. **History of Linguistics, Volume IV: Nineteenth Century Linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1998.

NERLICH, Brigitte; CLARKE, David D. **Language, action, and context**: The early history of pragmatics in Europe and America, 1780-1930. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

WELLS, Rulon. Uniformitarianism in Linguistics. In: WIENER, Philip P. (Ed.). **Dictionary of the History of Ideas**. Vol. 4. Nova York: Scribner, 1973. p. 423-431.

WHITNEY, William Dwight. **Language and the Study of Language**: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science. Londres: N. Trübner & Co., 1867.

WILBUR, Terence H. **The Lautgesetz-Controversy**: A documentation. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1977.